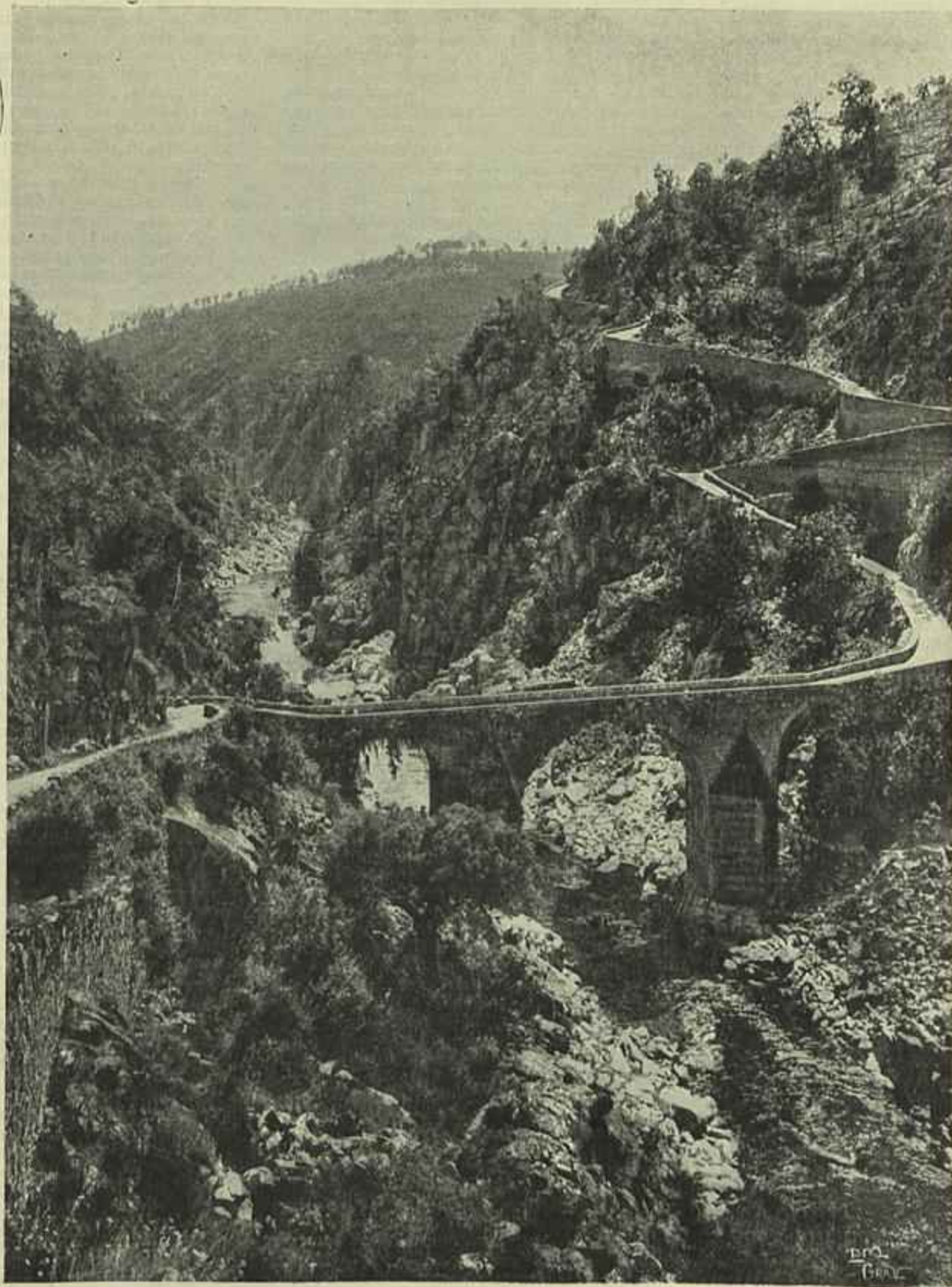


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1211	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	20 de Agosto de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	650	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	650	120		



PORTUGAL PITORESCO — PEDROGAM PEQUENO, PONTE DO CABRIL SOBRE O ZEZERE

CRONICA OCCIDENTAL

Queimaram-se os ultimos cartuchos da incursão monarchica e o fumo da polvora perdeu-se nos ares, para além das fronteiras donde viera, e agora a vista por mais que se alongue por aqueles campos fóra, divisará um ou outro pastor com seu rebanho a apascentar na sêca relva do estio, ou algum furtivo contrabandista fazendo o seu commercio licito de ôdres de azeite ou outras quaesquer mercadorias a geito, pela raia sêca ou molhada, mas conspiradores, é que se afirma já por lá não haver, internados a mais de cem leguas distante, bem a custo do sr. Canalejas, valha a verdade.

Mas a Espanha tinha-se de honrar; seus brios não permitiam por mais tempo representar a comedia que se transformava em tragedia. Só num ponto discordava, para bem se lavar da nódoa que ia alastrando e era, o mandar os conspiradores para mais longe ainda, para algumas das ilhas que lhe restam, de modo a desvanecer todo o receio de que eles subrepticamente voltassem a incomodar as nossas fronteiras, que mais não fôsse.

O governo de Canalejas esquivava-se a cumprir esse dever, com o pretexto de humanidade e da compaixão para os vencidos, como se o mandal-os para aquelas ilhas o obrigasse a abandonar-os barbaramente.

Por outro modo queria ainda que o governo português custeasse as despesas a fazer com os emigrados, porque o tesouro espanhol não estava resolvido a abonar-as e, com estas contradicções ia conservando os conspiradores mais á mão e entretendo tempo que tambem é, muitas vezes, um belo recurso da diplomacia.

Mas quando o reconhecimento da nação portuguesa não fôsse um facto consumado pelas potencias, incluindo a propria Espanha, e por isso dentro das garantias que o Direito Internacional lhes permite em taes casos, para lhes fazer assistir a justiça, as raizes longas e fundas do velho Portugal, estendendo-se pelas cinco partes do mundo, levadas sobre as aguas de mares... nunca d'antes navegados, germinarem em vastos continentes, até então perdidos para a civilização mundial, deveriam produzir efeitos de carinho e de amor, como sempre tem revelado pela terra mater donde flue o mesmo sangue que anima dois povos irmãos, Portugal e Brasil.

Amor e carinho mais uma vez revelado, lá da distante America, que os mares separam d'este velho continente, mas que o coração aproxima e une em uma só alma para sentir as alegrias ou as dôres comuns.

E então surgem os rasgos de gentileza, como agora, numa situação embaraçosa, em que a pertinacia da Espanha collocava Portugal com relação a enviar os emigrados conspiradores para fóra da Peninsula.

O governo do Brasil comunicou ao governo de Espanha, com diplomacia tão leal como generosa, que receberia no seu país todos os emigrados conspiradores portugueses, pagando-lhes as passagens e garantindo-lhes meios de vida naquela grande republica.

A mal disfarçada protecção do governo do sr. Canalejas aos perturbadores da ordem neste país visinho, já não tem em que se apoiar. Hermes da Fonseca tirou-lhe os esteios; a franca resolução do Presidente da Republica do Brasil, contrasta singularmente com as reservas e sofismas do presidente do governo de Espanha.

Nos registros da historia portuguesa ha mais uma nota a escrever que, por melhor que se queira encerrar, tem de ser tão desagradavel com respeito á Espanha, quanto grato e reconhecido para Portugal é o gentil e fraterno procedimento do Brasil!

E os vencidos lá vão a caminho das Terras de Santa Cruz, para aquela segunda patria a abri-lhe os braços fraternaes e hospitaleiros, que lhe farão esquecer as agruras do exilio, sob um ceu tão lindo como o da patria mãe, entre irmãos leaes que falam a mesma lingua e compartilham os mesmos sentimentos.

Outro aspêto tomam agora os conspiradores, os que ficaram prisioneiros, os que se vão descobrindo por aqui, por ali, mais ou menos autenticos, o que só se apura nos processos de investigação e de instrução e só se prova nos tribunaes em que são julgados.

Entretanto tanta gente incomodada, mais que incomodada, oprimida, torturada nas angustias da incerteza, por uma vingança torpe, por arbitrariedades condenaveis, por suposições infundadas.

De um extremo ao outro do país já funcionam

os tribunaes, que diariamente vão mandando para as sombrias penitenciarias e para o longinquo degredo, dezenas de condenados, na maioria inconscientes do crime que praticaram.

Gente rude, dos campos, a quem, talvez a miseria em que vivia, a fez fascinar pelas riquezas que lhe prometeram. Gente rude dos campos que se deixou arrastar pelo fanatismo que lhe avas-salou a alma. Instrumentos do odio e de infame-ssaveis interesses, e lá espiam a sua culpa principiando por serem arremessados para o fundo de um porão, até irem para o antro de uma cela como cova de vivos.

Seria de vêr uma leva de setenta condenados, entre baionetas e espadas desembainhadas da escolta que os acompanhava, caminhando a passos incertos, pela calada da noite, coleando em volta da cidade adormecida e, por fim, transpondo os grossos portões de ferro de uma prisão, cujo ranger de seus gonzos, vibraria lá bem fundo nas fibras do coração daqueles infelizes.

Entravam na Penitenciaria de Lisboa á luz das suas lampadas elétricas, mais clara, por ventura, do que a luz do dia que mal se escôa pelas frestas das grossas paredes.

A vida ficava lhes cá fóra com a liberdade; o nome troca-se-lhes por um numero; cabelo e barbas rapadas. Um sambenito de grossa linhagem é o uniforme dos penitenciaros sob o qual não serão reconhecidos por seus companheiros. São fantasmas ambulantes que vagueiam pelas alas e se vão perder sob as sombras das celas.

Dos setenta condenados que ali entraram agora, poucos compreenderam desde logo a expiação que os espera. A sua inconsciencia era manifesta, a não ser que o acabrunhamento os tivesse reduzido á insensibilidade. Dentre eles, porém, um houve que mostrou maior magua.

Foi D. João de Almeida.

Ao declinar seu nome, a voz era tão sumida como o passado que êle representava.

E quem queria saber desse passado?

Diz-se que a familia deste velho fidalgo entronca-se nos maiores heroes da nossa historia, que a enobreceram conquistando terras para Portugal e fundando imperios. Vae encontrar-se na sua ascendencia o celebre alferes-mór da hoste de Afonso V, na memoravel batalha de Toro, Duarte de Almeida o *Decepado*. Este heroe ao qual fóra confiada a guarda da bandeira das quinas, acompanhava o exercito do rei português, composto de quatorze mil infantes, cinco mil e seiscentos de cavallo e numerosa artilharia, invadia a Espanha por Piedra-Buena, no intuito de reunir em uma só as corôas dos dois reinos.

Esta batalha produziu mais actos de heroismo, do que proveito para Portugal; nela se distinguiram sobretudo Gonçalo Pires e Duarte d'Almeida. O valente alferes-mór defendeu até ao ultimo extremo a bandeira das quinas, tornada alvo do exercito de Fernando e Isabel de Aragão. A boa estrela abandonava os portugueses naquela batalha e os castelhanos cresciam em sanha vendo a desordem que ia nos arraiaes inimigos, sobre que se precipitavam no, empenho de lhe tomarem a bandeira; mas as mãos a que ela estava confiada eram de ferro, o valor de Duarte de Almeida oferecia luta de um contra mil. Assombrosa tanta valentia resistindo ás lançadas que sobre ele investiam. Então uma forte cutilada decepa a vigorosa mão que segura a bandeira. A dôr é grande, mas o valor fal-a esquecer. Resta a outra mão ao alferes-mór, nela impunha a bandeira que continua firme no seu braço forte. Outra cutilada vem que lhe decepa a mão esquerda, e o desespero de Duarte de Almeida atinge a loucura. E' agora nos dentes que segura o simbolo da patria, envolto no qual prefere morrer, e as lançadas chovem sobre o valente alferes-mór até que o prostram exângue. E' maravilha tanto valor que se impõe á admiração e respeito dos adversarios. Duarte de Almeida recebe o primeiro curativo no campo de batalha e é logo transportado para um hospital de Castela, donde sae curado ao fim de alguns mezes. Ficou sendo o *Decepado* e com este glorioso cognome passou á Historia.

Deste feito se ocupa Camilo Castelo Branco no seu livro *Noites de insomnia*.

Quem se ocupará hoje destas coisas?

Da estirpe destes portugueses vem D. João de Almeida. Uma sombra da Historia do passado, vagueando, acaso, nos mesmos campos que seus antepassados heroes regariam com seu sangue, de que ele conserva os ultimos globulos, e nesses campos ficou prisioneiro, numa ultima aventura da nobreza que se extingue.

Os juizes o julgaram perante um codigo applicando-lhe a pena que a lei lhe impunha como ao mais obscuro e anonimo dos delinquentes.

Já não ha privilegios de castas, que tem vindo diluindo se, dessorando com os seculos *Tempus edax rerum*.

No limiar do seculo xx esses privilegios sofrem o ultimo bote e passam á historia que se contará ás gerações.

D. João de Almeida, desaparece nas sombras da cela penitenciaria, sob o habito dos reclusos, passando a ser simplesmente o n.º 4:202.

CAETANO ALBERTO.

Portugal Pitoresco

Pedrogão Pequeno, uma ponte do Cabril

E' das mais lindas terras da provincia da Beira Baixa, onde o paisagista encontra locais de grande beleza pitoresca, como aliaz os encontra neste privilegiado país, onde a natureza apresenta variados aspetos, ora nos seus vales verdejantes, cortados por mansos ribeiros, ora nas suas montanhas descobrindo largos horizontes, ora nas serranias abruptas e desfiladeiros onde ostenta toda a sua grandeza imponente.

E' destas a paisagem que expomos ante os olhos do leitor, onde a arte construiu uma ponte de tres arcos, denominada do Cabril, sobre o rio Zezere, que é obra tambem muito para vêr e apreciar.

Pedrogão Pequeno era dantes chamado *Pedrogão do Crato* ou *Pedrogão do Priorado* por ser uma das 12 vilas do grão priorado do Crato. A sua antiguidade é grande e parece ter sido fundada pelo consul romano Aulo Curcio.

Conquistada pelos arabes em 718, D. Afonso II a conquistou por sua vez a estes em 1216.

Deu-lhe foral D. Manuel I em 20 de outubro de 1513.

Pedrogão Pequeno é uma das vilas do distrito de Castelo Branco que mais tem progredido nos ultimos trinta anos.

A ponte representada na gravura serve de comunicação entre esta vila e a de Pedrogão Grande.

Confrontos Historicos

Bosquejo

No periodo historico que o nosso país atravessa, em que a ignorancia de muitos e a má fé ou obsecção de outros, classificam de inauditos os factos agora ocorridos, verdadeiramente lamentaveis no seio da familia portuguesa, parece nos bem cabido recordar um pouco de historia que, se não absolve muito do que se está praticando, não deixa de atenuar o que a seu respeito se pensa e se propala, mais, talvez, no intuito de aterrar o publico, do que serenar os animos.

Não conheço patriotismo que com tal especulação ganhe e, no entanto a patria deve estar acima de todas as paixões que a possam comprometer.

Avolumar os factos, alarmar as consciencias, pintar os quadros com tintas exageradas, vivas, como se fôsem novos e até originaes de agora, é uma falsidade historica.

Em todo o mundo, em todos os tempos, as conquistas do homem tem custado rios de sangue e inumeras atrocidades. Ninguém lido o ignora.

Se este escrito não fôsse o simples bosquejo de um determinado periodo da historia patria, muito havia que referir; êle, porém, limita-se a um confronto, para provar — triste prova é certo, — que nada de inaudito se tem agora praticado, e se, por fortuna, a onda das paixões politicas se quebrar a tempo contra a firme rocha da razão e do patriotismo, bem distante ficará aquele periodo historico do presente, nos seus efeitos.

Transportemo nos ao ano de 1828 e sucintamente rememoremos os factos.

Portugal, depois de ter sofrido as consequencias da invasão franceza, que assolara o país no principio do seculo xix, tendo perdido o Brasil e morrido D. João VI, encontrava-se num estado de revolta e intriga politica fomentada pela rainha viuva, D. Carlota Joaquina, que completavam a desordem e a miseria em que se debatia a nação.

D. Pedro IV, proclamado imperador do Brasil, abdicava da corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria, com a condição de casar com o infante D. Miguel, seu tio, e de este jurar a constituição liberal que outorgara a Portugal, em 29 de abril de 1826.

Esta constituição foi pomo de discordia entre os que preferiam D. Miguel rei absoluto e os liberaes que, desde 1820 haviam querido implantar no país a sua constituição.

Os absolutistas levantaram a revolta pelo país, e quando vencidos pelos liberaes, refugiavam-se aquelles em Espanha onde Fernando VII, os acolhia de bôa mente, pois não via com bons olhos o avanço das ideias liberaes em Portugal.

Então, como hoje, os factos encontram-se sem esforço, talvez mais agravados agora.

D. Pedro IV sabendo do que ia pelo reino, apressou-se a intimar seu irmão, o infante D. Miguel, que estava em Vienna d'Austria, a regressar a Portugal, confiando o seu logar-tenente, até que jurasse a Constituição, que este ultimo, aliaz já tinha aceitado.

D. Miguel veio efétivamente e, ao desembarcar em Lisboa, em 22 de fevereiro de 1828, acercou-se do infante uma turba multa ao grito de *Viva D. Miguel primeiro absoluto*.

Entretanto quatro dias depois (26) reuniam em plena sessão as Côrtes, e jurava a Carta Constitucional, recebendo ao mesmo tempo, de sua irmã, a infanta D. Isabel Maria, a regencia do reino.

Isto, porém, só serviu para exaltar o animo dos absolutistas, pois, logo a 1 de março, a mesma turba multa que á chegada de D. Miguel havia levantado o grito absolutista, veio cercar o paço real e repetir aquelle grito, perseguindo e maltratando os homens conhecidos como liberaes. Assim fóram crescendo os motins, sem que os discolos fôsem punidos, nem a força armada intervisse a manter a ordem.

D. Miguel tratou sem demora de organizar um governo seu e, claro é, de homens de sua feição, o qual foi constituído pelo duque de Cadaval, José Antonio de Oliveira Leite de Barros — depois conde de Basto, de triste memoria — Furtado do Rio de Mendonça, conde de Vila Real e conde da Louzã.

As côrtes eram dissolvidas a 13 de março e, contra o que preceituava a Constituição, não se procedia a novas eleições.

Estava dado o primeiro passo para anular a Carta Constitucional e se patentear abertamente o partido miguelista, procurando por todos os meios, desde o fanatismo até á violencia, arrastar o povo, representado pelas camaras municipaes, a pedir a D. Miguel que se proclamasse rei absoluto.

Ao mesmo tempo promoviam o descredito dos liberaes, e não pouco lhes serviu de arma para esse fim o condenavel e celebre assassinio dos lentes de Coimbra, praticado por alguns estudantes da Universidade, quando aquelles se propunham a vir a Lisboa pedir a D. Miguel para se proclamar rei absoluto.

Aqui se vê quanto a paixão politica obsecara aqueles rapazes, para mais ilustrados, cursando estudos superiores.

Mas não param aqui os sucessos sangrentos, largamente desforrados pelos Miguelistas.

D. Miguel foi, emfim, proclamado rei absoluto, em 25 de abril, para o que a Camara de Lisboa fizera assinar uma representação, por quantas pessoas pôde alcançar, uns voluntariamente e outros forçados a isso. Ainda assim D. Miguel declarou que só com assentimento das Côrtes aceitaria, e então convocaram-se simultaneamente os antigos tres Estados, e digo simulado, porque realmente só deviam tomar assento em côrtes os membros do clero e da nobreza, que antecipadamente se sabia serem afetos ao rei absoluto.

Aproveitou-se para isto o momento que mais oportuno pareceu, pois não só tinha retirado de Lisboa a divisão inglesa de Clinton, que partira

no dia 2, mas já muitos liberaes, antevendo o fim a que as coisas chegariam, haviam emigrado.

Os efeitos daquele estranho acto não se fizeram esperar, pois logo, no Porto, se revoltou a guarnição militar, proclamando a Carta e pondo em fuga o governador miguelista Franco de Castro, que deixou a cidade em 2 de maio. Outros regimentos do norte aderiram á revolta e assim se formou uma junta que veio sobre Coimbra onde mais cresceu com um batalhão academico que logo se formou, e sob o comando do general Saraiva Refoyos, se deram os primeiros combates, contra as forças miguelistas, com certa indecisão, é certo, o que deu ensejo a estes me-

abandonar a artilharia, estabelecendo-se luta entre os proprios liberaes, combatendo os regimentos 9 e 21 com o 6 e o 18, acabando por se dispersarem uns e fugirem outros para Galiza, onde tiveram «a mais cruel hospitalidade».

A 23 de junho tornavam-se a reunir os tres Estados e José Acurcio das Neves propunha que se levantasse D. Miguel como rei, o que foi aprovado, tomando assento das deliberações dos Tres Braços, reunidos separadamente: o clero na igreja de Santo Antonio da Sé; a nobreza na igreja de S. Roque; e o povo em S. Francisco da Cidade.

Depois destas deliberações, fazia-se aclamar a 7 de julho D. Miguel I rei absoluto.

A ilha da Madeira, governada pelo general Valdez (depois conde de Bomfim) não reconheceu o rei absoluto, mas teve de submeter-se, em 23 de agosto, ante a força de uma expedição comandada pelo vice-almirante Prego. Na ilha Terceira, onde pelo mesmo motivo foi esta expedição, não pôde desembarcar, valentemente defendida a ilha pela guarnição de caçadores 5. Outra expedição foi ainda enviada ali no mez de outubro, mas não logrou melhor exito.

(Continúa.)

CAETANO ALBERTO.



Monumento a Bartolomeu

Lourenço de Gusmão

Inventor do primeiro aerostato

No mesmo dia que em Lisboa se celebrava o 203.º anniversario da primeira ascensão de um aerostato do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, como se noticiou na cronica do ultimo numero desta revista, realisava-se tambem em Paris uma festa comemorativa do mesmo facto, constando de um banquete de convivas, no *Luna Park*, presidido pelo sr. Alfaia Rodrigues, brasileiro illustre, que foi presidente do municipio de Santos, fundador da Associação Commercial da mesma cidade, presidente da Missão Protetora da Emigração, no Estado de S. Paulo, e membro de varias sociedades scientificas do Brasil e do estrangeiro, incluindo a Sociedade de Geografia de Lisboa.

Este banquete é o quarto celebrado em honra do celebre inventor português, ao primeiro dos quaes presidiu Camilo Flammarion, o grande sabio e poeta da astronomia.

Na ocasião do banquete foi distribuida uma reprodução grafica da maqueta do monumento, que na cidade de Santos vac ser levantado a Bartolomeu de Gusmão, em cuja cidade nasceu no ano de 1685.

Esta maqueta, devida ao escultor Massa, para ser executada em marmore e bronze, está orçada em 125:000 francos ou 25:000\$000 de réis da nossa moeda.

Pela reprodução que publicamos vê-se a fórmula geral do monumento, como a estatua do celebrado inventor sobre o qual se eleva um aerostato em forma de balão.

Entre os cincoenta convivas do festivo banquete, notavam-se varias personagens de distincção: mr. Gay, sindaco do concelho municipal de Paris e representante da mesma cidade; D. Maria da Cunha, a poetisa portuguesa autora do livro *Trindades*; condessa Duchange, diretora secretaária do club feminista de aviação *Stella*; srs. Carabona presidente da Comissão, Sindicato dos Cafés Brasileiros, Fourcade escultor, que fez a medalha comemorativa de Gusmão, Lafontaine, banqueiro, Labatil, commissario e diretor da Exposição de Desportos, em Paris, representantes da imprensa franceza, italiana, brasileira, etc.

Ao *Champagne* produziram-se varios brindes: do sr. Padua Franco, representante da Sociedade Propaganda de Portugal; de Madame Duchange pelas aviadoras francezas, saudando o



MONUMENTO A ERGUER, NA CIDADE DE SANTOS, A BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO INVENTOR DO PRIMEIRO AEROSTATO
Maqueta pelo escultor Massa

lhor se reforçarem com tropas dos generaes Povoas, Gaspar Teixeira e por fim Franco de Castro, chegando a organizar batalhões de voluntarios tambem, por sinal os primeiros que se criaram, como fóram as guardas urbanas e os façanhudos *caceteiros*.

Este movimento repercutiu-se em Lagos, onde infantaria 2 se pronunciou, mas foi sufocado pelos miguelistas, que trucidaram o major Châteauneuf e cometeram toda a casta de atrocidades sobre os vencidos.

O Porto foi bloqueado. A situação dos liberaes era apertada.

De Inglaterra, onde estavam emigrados, ainda vieram Saldanha, o marquês de Palmella (depois duque) Stubbs e Azeredo, embarcando num vapor chamado *Belfast*, para acudir aos seus, desembarcando proximo do Porto; mas as tropas do general Povoas, depois das vitorias de Sernache, Cruz dos Marouços e Pedacães, fizeram desanimar aquelles liberaes, que retiraram no mesmo vapor em que tinham vindo.

O exercito de Pizarro, composto de 5:000 homens, retirou para Espanha, mas passando por Braga ali encontrou forte resistencia, tendo de

Grande Marcenaria Moderna — Fabrica de moveis movida a electricidade



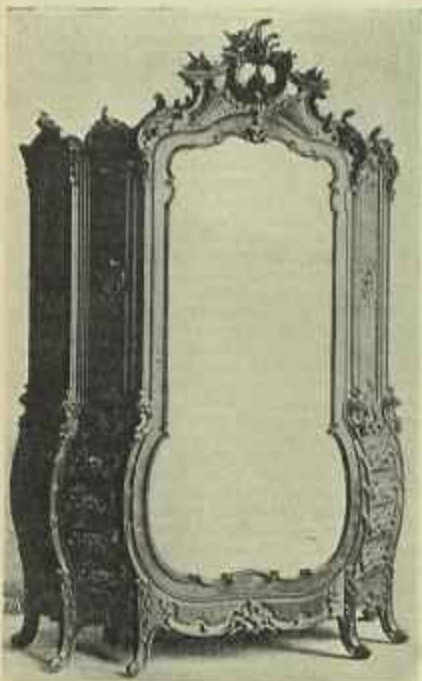
LAVATORIO EM NOGUEIRA DA AMERICA, ESTILO Luis XVI



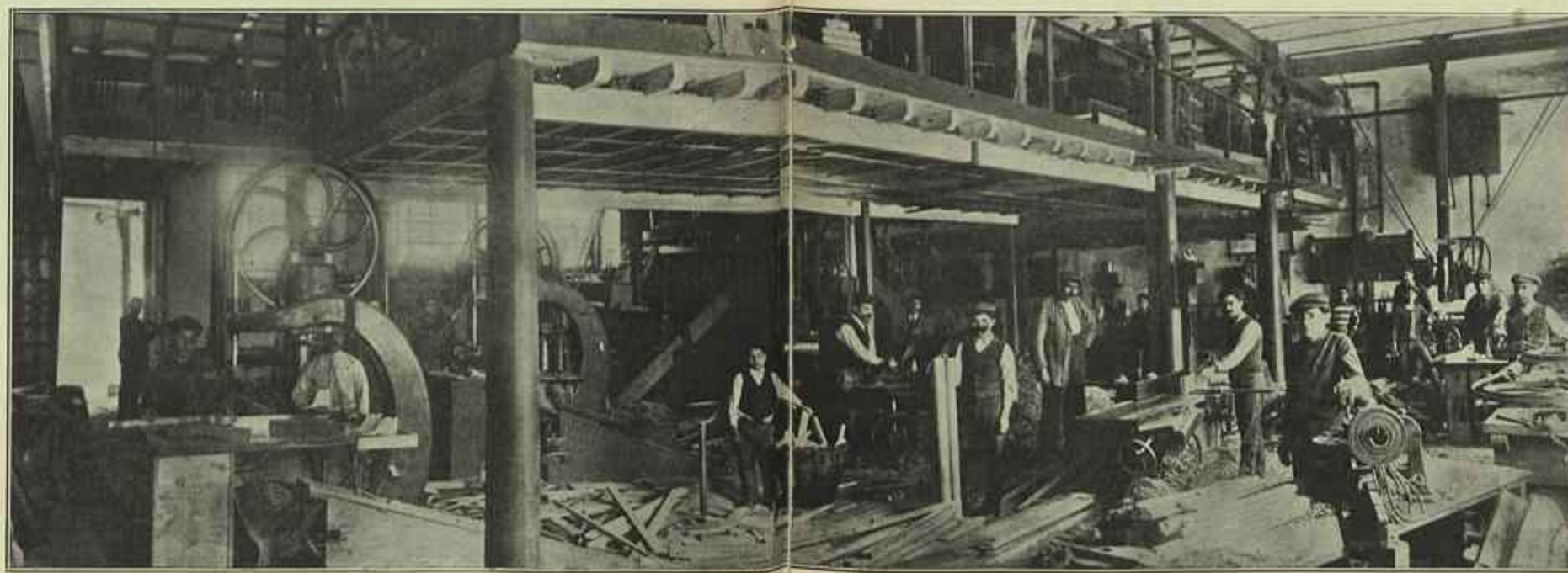
OFFICINAS DE MARCENARIA E DE ENTALHADORES



TGOCADOR, EM NOGUEIRA DA AMERICA, ESTILO Luis XV, TALHA LEVANTADA NA PROPRIA MADEIRA



GUARDA VESTIDOS DE ESPELHO, ESTILO Luis XV, TALHA LEVANTADA NA PROPRIA MADEIRA



OFFICINAS DE SERRAÇÃO E APARELHAGEM DE MADEIRAS, TORNEAR, MOLDAR E RECORTAR



GUARDA PRATA, ESTILO RENASCENÇA, TALHA LEVANTADA NA PROPRIA MADEIRA

sr. Visconde de Faria, que ligeiro incomodo não permitiu assistir á festa, mas que não foi esquecido, como aquele que mais tem influido no movimento europeu e americano para a glorificação do Padre Bartolomeu Lourenço da Gusmão. No mesmo sentido discursou o sr. Raqueni, da patria de Leonardo Vince, o grande artista enciclopedico que imaginou um aparelho de voar, proferindo o orador palavras de justiça com respeito

ao sr. visconde de Faria dizendo ser o maior dos patriotas portugueses com a sua propaganda em favor de Bartolomeu de Gusmão. No discurso do sr. Alfaia Rodrigues manifestou-se bem o entusiasmo patriótico deste ilustre brasileiro pelo seu conterraneo Gusmão, sendo o principal promotor do monumento que se vai levantar, como o foi do monumento a Bras Cubar, fundador da cidade de Santos.

Mr. Marc Gandes falou por fim em nome da Sociedade Latino-Americana, de Paris, elogiando tambem o sr. Visconde de Faria, assim como o sr. Alfaia Rodrigues, ao qual foi entregue o diploma de membro honorario daquela sociedade. Assim terminou a festa comemorativa em honra de Bartolomeu de Gusmão, que vai ter o seu monumento na terra em que nasceu.

INDUSTRIA NACIONAL

Grande Marcenaria Moderna

E' sempre para nós muito agradável o ter en- sejo de apreciar os progressos do trabalho nacio-

nal, desde que pelo trabalho é que se engrandes- sem e prosperam as nacionalidades. n'esta con- quista pacifica da sciencia, das artes e da industria, o maior galardão dos povos modernos. Nesta boa disposição de vontade, não hesita- mos um momento em visitar a Grande Marcenaria Moderna, quando para isso recebemos convite dos seus proprietarios srs. Elisio Santos & C.ª L.ª, e logo nos dirigimos á rua de S. Lazaro,

80-A, onde se encontram instaladas as grandes officinas desta marcenaria. Grandes, é verdade, pois não sabemos de outras maiores, em Lisboa, onde se fabricam moveis de madeira. A marcenaria, de tão boas tradições em Portu- gal, como ainda hoje o atestam belos moveis antigos procurados com tanto empenho por ama- dores que os colecionam com sofredidão, sofreu

grande decadência, desde os princípios do século passado, como muitas outras indústrias do país, assolado pelas guerras da invasão francesa e não menos pelas que se seguiram para a implantação do regime liberal.

Essa decadência prolongou-se, chegou até nossos dias e, não há muitos anos ainda, que dificilmente se poderia obter um móvel de madeira bem feito, com arte e bom gosto, sendo certo que em tais condições os mais exigentes tinham de recorrer à indústria estrangeira.

Evidentemente faltavam bons artífices como faltavam bons mestres.



ELISIO DOS SANTOS

A necessidade de uma nova escola impunha-se para levantar a marcenaria nacional e continuar as antigas tradições.

As escolas industriais com o ensino de desenho e de modelação, deviam dar resultados com que lucrariam muitas das indústrias portuguesas e a marcenaria era das que mais tinha a aproveitar, como de facto aproveitou.

Disto tivemos prova na visita que fizemos à fábrica de móveis denominada *Grande Marcenaria Moderna*.

Esta fábrica, fundada pelo sr. Elisio dos Santos associado com o sr. Manuel Filipe da Silva Junior, em 1906, representa, pelo desenvolvimento com que foi estabelecida, uma iniciativa louvável, como poucas, infelizmente, se revelam em nosso país, onde os capitães procuram de preferência o comodo juro da agiotagem, desde os bilhetes do tesouro publico até à *casa de prego*, onde a miséria vai deixar as ultimas migalhas do seu pão negro.

Que benemeritos são, portanto, aqueles que não duvidam pôr o seu capital em movimento, proporcionando trabalho, e assim concorrem com o seu esforço para a riqueza publica.

A Indústria é hoje mais do que nunca a aspiração dos povos, dela dimana o commercio; estes dois elementos conjugados constituem a riqueza das nações.

Todos que lidam neste sentido, nobilitam-se pelo trabalho, como pelo trabalho se tem nobilitado o sr. Elisio dos Santos, conquistando um lugar de destaque no commercio onde é considerado e a que tem prestado bons serviços, reparando muito do seu tempo na Associação Commercial de Lisboa, na dos Lojistas, na Industrial, na Sociedade de Geografia, na Propaganda de Portugal, em muitas das instituições patrióticas, chegando até às de socorro mutuo, a associação por excelencia, ainda não bem compreendida, e longe de alcançar o desenvolvimento no país, que era para desejar.

Com estas apreciáveis qualidades o sr. Elisio dos Santos, espirito empreendedor, negociando ha muito em artigos de mobiliario, especialmente, entendeu, e muito bem, montar a grande fabrica de que nos vimos ocupando, e criar mais uma fonte de trabalho nacional, de modo a concorrer com o estrangeiro.

Para dar execução a seu proposito associou-se com o sr. Manuel Filipe da Silva Junior, um artista de reconhecido merito na arte de entalhar, discipulo do falecido entalhador Leandro Braga,

cujá influencia de seu talento artistico se fez largamente sentir na marcenaria portuguesa.

Discipulo estimado de Leandro Braga, o sr. Filipe da Silva Junior, frequentou a Academia de Belas-Artes de Lisboa, onde teve por professores os srs. José Antonio Gaspar, Simões de Almeida, Nunes Junior, Antonio da Fonseca, Alberto Nunes e José Luis Monteiro.

Com tão boa escola o sr. Filipe da Silva Junior possui habilitações pouco vulgares para o lugar que desempenha de director artistico e tecnico na *Grande Marcenaria Moderna*, não admirando, por isso, que n'esta importante fabrica se produzam moveis como os que tivemos occasião de examinar, na nossa visita.

Desde o mobiliario mais suntuoso ao mais modesto ali se encontra; aquelle no regoroso desenho dos diferentes estilos Luis XV, Luis XVI, Renascença, etc., estes na elegancia de sua simplicidade, e todos num acabamento de irrepreensivel perfeição.

Nas gravuras que acompanham esta noticia, se vêem alguns especimens deste belo mobiliario, como não se fabrica melhor no estrangeiro.

As pessoas de bom gosto que desejem mobilar suas casas com elegancia e arte, encontram na *Grande Marcenaria Moderna*, o que melhor as pôde satisfazer e, pelas condições praticas em que esta grande fabrica funciona, preços modicissimos em relação á qualidade da obra.

Para comprovar o que fica dito, basta visitar esta fabrica e ver a laboração das suas oficinas, principiando pelas do aparelhamento e preparo das madeiras, de primeira qualidade, até ás de entalhadores, onde se admira a arte e delicadesa dos entalhes e arrendados como verdadeiras filigranas em madeira.

Uma potente maquina motora transmite movimento ás serras sem fim e de recorte, ás maquinas de aplainar, de moldar, de furar e respigar, de faciar e de tornejar.

Todo este trabalho mecanico garante, além da precisão matematica, a economia da mão de obra, e destas vantagens participa o publico que se fornece na *Grande Marcenaria Moderna*.

Um pessoal constante de 100 operarios permite a rapida execução dos trabalhos, não só de mobiliario em todos os estilos, mas de capelas, imagens, fogões, tétos, lambris, molduras, escadas, portões, moldes para fundição, armações para estabelecimentos, etc.

Todos estes trabalhos são executados sob a direcção superior do sr. Filipe da Silva Junior, devendo ainda mencionar-se a restauração de moveis antigos, trabalho muito especial que demanda conhecimentos iconograficos, para que não suceda o que por vezes temos observado na restauração de certos moveis por mãos profanas.

A *Grande Marcenaria Moderna*, destruida por incendio o ano passado, acha-se ao presente completamente restaurada e com todos os maquinismos mais modernos da sua industria, cabalmente montados e funcionando nas oficinas como as nossas gravuras mostram.

Isto fomos vêr na nossa visita, que não nos podia deixar melhor impressionados, pelo que felicitamos os srs. Elisio dos Santos e Filipe da Silva Junior, proprietarios desta grande fabrica que honra a industria nacional.



Obras economicas e educativas

O Alfeite florestal e agrícola e as «Colonias de ferias»

A noticia historica, tão minuciosa e maiormente interessante, sobre a propriedade senhorial e rustica do Alfeite, que o OCCIDENTE inseriu nas suas paginas (1), sugere-me que d'ela tire

argumento para algumas considerações economicas, e outras educativas, porventura não destituídas de interesse.

A situação do Alfeite sobre uma inflexão da margem esquerda do Tejo, e assim mais no remanso das suas aguas, com amplo desafogo sobre o seu formoso estuario, é ainda singular pelo panorama que se lhe defronta e se desenha no anfiteatro da opulenta Lisboa. Por outro modo se asinala o Alfeite com o seu vasto perimetro na orla da feraz peninsula de Setubal.

Na área d'esse perimetro, correspondem ao *Alfeite florestal* 288 hectares que ora vão sendo regenerados pela engenharia silvicola. Apartam-se 30 hectares para o *Alfeite Agrícola*. Rasga-se ahi o solo para as culturas arvenses; vingam as arboriscentes, qual a videira, cujos productos gosam fama; rebentam pomiferas, as culturas arboreas com que se constituem os vergeis. E melhor o demonstrará a agronomia a quem está confiada esta variada exploração. Incumbe-lhe ainda promover o racional aproveitamento de 130 hectares de *salgados*, pelas plantas forrageiras, dando cabimento e azo á exploração pecuaria especializada. Mas adiante configura a lagôa de Albufeira que tem de ser vista consoante mais interessa á piscicultura e á ictiologia.

Ajardina-se, n'um outro trecho, o Alfeite, e d'est'arte muito mimosamente se engalana nos seus aspectos senhoriaes, já descritos n'aquella noticia historica.

Estação agraria, em via de se organizar mais a preceito; estação silvicola que se mostrará mais importante; o Alfeite tem a desempenhar um papel mais significativo na educação da grei rural.

Estação agronomica e porventura zootichnica para impulsar o melhoramento da rez bovina que tanto vale na sua vocação feminina leiteira, — por um e outro modo, virá surgindo quanto directamente interessa aos progressos ruraes da sub-região em que o Alfeite está situado. Assim deve ser, desde que por ela se dilata o raio de abastecimento do mercado da capital.

São aquellas as perspectivas que ora começam de desenhar-se, e ás quaes pôdem, certo, corresponder realisações que muito eloquentemente se estampem em varios capitulos da industria rural, e até mesmo nas suas modalidades mais simples, ou n'essas que estreitamente se enlaçam á vida domestica campesina.

Modelado n'aqueles termos, racionalmente utilizado na variedade da sua estrutura, o Alfeite valerá simultaneamente como obra scientifica e economica, e muito mais se a par d'ela se desenvolver a missão educativa. Isto, pelo que toca á economia rural e ao aperfeiçoamento das correspondentes praticas, como fundamento do seu progresso.

De maravilha se oferece o Alfeite, pela sua situação fisica, pela sua constituição florestal e agricola, pela sua constructura senhorial, de maravilha para quadro de outra e muito expressiva obra. Esta é, por sua natureza e fins, de Higiene social.

Adapta-se o Alfeite para n'ele se estabelecerem, n'um bem ordenado estagio, as «Colonias de ferias» que, á população escolar infantil de Lisboa, aproveitem. Por elas e com elas se completaria, sob uma alta inspiração obediente aos preceitos higienicos, á missão educativa que incumbe á Escola primaria.

E com que facilidade não surgiriam ahi as lições das cousas? Como não falariam elas na sua mais viva expressão natural? Como, sendo tambem recreativas e em varios casos de ponto intuitivas, não correria tudo mais acorde com o que a psico-fisiologia impõe e a pedologia ensina á Arte da educação?

Razões superiores, cuja exposição seria longa, dictam que ás Escolas primarias de Lisboa correspondam as «Colonias de ferias», no campo. Excelente quadro se abre para elas no Alfeite, bem adequado para esta obra higienica e educativa, tanto mais larga e mais eficaz desde que se adoptasse o systema que a Suissa estabeleceu e o qual, em relação ao tempo, abrange os meses que decorrem de abril a setembro.

E' assim que, estabelecido o regimen de rotação por turmas, as «Colonias de ferias» aproveitam a maior numero de crianças.

Ora os edificios senhoriaes do Alfeite adaptam-se para a instalação d'estas colonias em regime colectivo, que é, certamente, preferivel, no ponto de vista educativo e até mesmo em relação aos preceitos higienicos.

São os factos na sua expressão social que muito vivamente advogam a favor da criação das «Colonias de ferias», no campo. No tocante á exigencia de mais copiosos recursos para que elas constituam o complemento da Escola pri-



MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR

(1) No presente vol., n.º 1203, pag. 115.

maria, por diferentes caminhos se alcança reduzir as dificuldades. Por um d'elles se estabelece que ao estagio do alumno corresponderá uma fraca contribuição paga pela familia.

Aqui, e relativamente a Lisboa, com uma cotisação semanal de 20 réis, referida tão só a cincoenta por cento da população escolar que frequenta as Escolas primarias officiaes, coligir-se-iam uns seis contos de réis anualmente.

Isto posto, se attribuímos duzentos réis diarios á despesa por alumno na «Colonia de ferias», e o numeramento em todas as turmas, no decurso dos seis meses, fôr de 150, bastariam por este lado, para sustentação do estagio cinco contos e quatrocentos mil réis. E o beneficio d'esse estagio logra-lo-iam, no caso figurado, novecentos alumnos, no decurso do ano, na medida da rotação estabelecida para as turmas.

Não dará a mutualidade escolar em Lisboa, mais espontaneamente ou quando bem encaminhada, a receita que fica apontada?

Muito conviria apura-lo. E, agora, que o importante problema da criação das «Colonias de ferias» e para que seja solucionado, encontra outros meios e mais importantes elementos que condizem com a sua caracteristica educativa e maior significação higienica, muito para louvar seria que no caso se empenhassem as Inspeções escolares de Lisboa, a sanitaria e a pedagogica.

Constructivamente, porém, tudo depende das deliberações que correspondam a mais altas iniciativas do Estado na reorganisação dos serviços da Instrução publica e no desenvolvimento dos capitulos interessantes á educação nacional.

F. JULIO BORGES
(agronome)

PELOS TEATROS

Coliseu

Parece ter caído no agrado do publico a opereta cantada em italiano, visto que ha duas épocas o habil director do Coliseu ali apresenta companhias d'esse género e daquela nacionalidade.

Deve-se attribuir isso um pouco á nossa escassez de artistas que não permite que tenhamos boas companhias de opereta como seria para desejar.

Dêsse modo qualquer companhia estrangeira que para aqui viesse necessitaria de ser excelente para poder estar em competência com as nacionais. Infelizmente não é assim.

Não abundam os espectáculos em Lisboa. Cinematógrafo, *Grand Guignol* e a revista do *Avenida* que, se os meus calculos não erram, deve andar pela centésima representação.

Resta-nos portanto a opereta no Coliseu. A companhia Granieri-Marchetti possui alguns elementos de valor e seria injusto não dizer que algumas operetas têm tido um bom desempenho como o *Sonho de Valsa*, não só dos principaes artistas, o tenór Rafael Vizzani, Anita Granieri e Frumento, mas também das personagens de segundo plano.

Apresentou também pela primeira vez uma opereta intitulada a *Côrte de Napoleão*, extraída da

Madame Sans Gênes, de Victorien Sardou e música de Iran Caryll, que teve um desempenho regular.

A orquestra da direcção de Ana Capelli muito boa. A maestrina mostra conhecer profundamente o seu myster.

Em resumo, são espectáculos populares, como se lê nos cartazes do Coliseu, destinados a não agravar a bolsa do espectador e, á parte, é minha opinião que bom e barato.

República

Mudou de taftica a empresa do *Grand Guignol* passando a dar espectáculos *demi-Grand Guignol* ou de outro modo transformando esse espectáculo dramático-cómico em cómico apenas.

Agora já se respira um pouco naquela sala elegante onde ainda ha pouco tempo pairaram sombras aterrorisadoras das macabras peças representadas que o antidoto *Em camisa* não conseguiu fazer desaparecer, unicamente por que aquelas scenas impressionaram desagradavelmente e são as coisas desagradaveis que mais se conservam na nossa imaginação.

Parece-me que nem tantos são os nossos teatros para que nos possamos dar ao luxo desta curiosidade do *Grand Guignol*.

Tenho de me referir a uma comedia num acto de Ernesto Rodrigues e João Bastos, conhecidos autôres de revistas e comedias burlescas e que nesses géneros têm justa fama. São bons humoristas e conhecem a tecnica do teatro.

A sua nova produção, que se intitula *Casa com escritos*, é uma série ininterrupta de ditos engraçados, de scenas inesperadas e cómicas de maneira tal que o mais sorumbático teria forçosamente de rir com esse riso franco sugerido pela graça do dialogo e pelo curioso das situações.

Recorda os bons tempos do Ginásio tal é a naturalidade do seu entrêcho e a feição típica das suas personagens.

Esta pequena comédia que por sêr um original português e por têr tão boas qualidades devemos considerar muito, prova que por cá também se pôde produzir alguma coisa de teatro, a despeito do que dizem os detractores de tudo que é nacional, bastando para isso que os autôres se abalancassem a produzir trabalhos dessa natureza e tivessem o estoicismo, a coragem, a paciencia de lutar com os empresarios que não quizessem aceitar as suas obras não pelo receio de que elas não fôsem boas, mas sim por não satisfazerem o gosto estragado do publico.

Os beneficios seriam colhidos mais tarde. Vêmos representar nos nossos teatros peças francêsas que por nada se recomendam e que pouco valôr têm.

Para essas é, em geral, a critica indulgente ao passo que para os originaes portugueses é muitas vezes excessivamente rigorosa e de tal modo que em vez de incitar os escritores a produzirem novas obras, faz com que se dediquem a outro mister.

Como termo de comparação, que justifica o que acima digo, posso dar uma comédia que ultimamente subiu á scena no *Grand Guignol* (já agora conservemos-lhe este nome) intitulada *Casos do Dia*.

E' o seu autôr Franckeville e foi traduzida por Lino Ferreira.

Casos do Dia é a historia de um d'esses casos do dia que os jornaes relatam. Um roubo auda-

cioso e original. Um homem seguindo uma senhora e dizendo-se por ela apaixonado introduz-se em sua casa.

Declarando-lhe a sua paixão á qual ela parece não se mostrar insensível e chegado o momento difícil em que os poderiam surpreender, é elle quem salva a situação alvitrando que o façam passar por um religioso.

A dona da casa dá ordem á criada para acompanhar o falso religioso que leva consigo o relógio da sala e o da criada que nesse momento lh'o confia para arranjar.

Poderia ser uma excelente comédia se fôsse bem feita porque a isso se prestava o assunto.

Falta-lhe aquela vivacidade e naturalidade que encontramos na precedente comédia, embora naquella appareça um pouco do espirito francês que talvez por se notar em demasia prejudique a peça na transplantação.

No mesmo género recorde-me de ter visto representar neste mesmo teatro uma pequena comédia, adaptada de um conto francês por Chagas Roquette, *Sonata*, que se poderia considerar excelente e que fazia interessar vivamente o espectador não sómente pela maneira como era conduzida mas também pela fórma como estava escrita.

A. N.



A Existencia de Deus — Os sofismas materialistas, por José Agostinho. Editor, Antonio Figueirinhas, Porto, etc. Um vol. in-8.º de 75 pags. incluídas 3 de indices. E' o segundo volume da coleção — *Sciencia, Arte, Religião e Pedagogia*. Consoante o titulo, este volume resume a opinião de varios autores, como Dubot, Leibnitz, Vogt, Haeckel, Flourens, F. Myers e muitos mais, sobre a existencia de Deus, provando-se pela existencia da alma, mau grado todos os materialistas, que não admitem o principio de Deus, o que tanto vale como negar a existencia do mundo ou a sua propria.

Esta complexa questão é bem explanada no livro do sr. José Agostinho.

Vocabulario Ortografico e remissivo da Língua Portuguesa, contendo cerca de 100.000 vocabulos conforme a ortografia oficial, por A. R. Gonçalves Viana, relator da Comissão da reforma ortografica, autor da *Ortografia Nacional* e do *Vocabulario ortografico e ortoépico da lingua portuguesa*, Aillaud, Alves & C.ª editores, Paris, 1912. Um vol. de 650 pags. in-8.º

Dada a reforma oficial da ortografia portuguesa, ha tanto tempo reclamada para facilitar a grafia, é um livro de grande utilidade, especialmente para os estudantes e para os novos, mais aptos a aceitar innovações. A fórma como o livro é feito facilita extremamente a sua consulta.

A edição, apesar de dispendiosa, vende-se por preço limitadissimo qual o de 800 réis o volume encadernado, na livraria Bertrand, Lisboa, rua Garrett, 75.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar SAPATARIA PORTUGAL

DE A. Almeida e Costa

Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

CONTRA A TOSSE **JAMES**

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e aprovado nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139. Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias



GRANDE MARCENARIA MODERNA — GRUPO DO PESSOAL OPERARIO

COMO DESENVOLVI O MEU BUSTO

e o aumentei de 15 centímetros em 30 dias

Depois de ter ensaiado pílulas, massagens, copas aspiratorias, assim como outros metodos diversos annunciados e recommendados, dos quaes não obtive o mais leve resultado
Metodo simples e facil que toda a mulher pode empregar em sua casa e que em muito pouco tempo lhe dará um busto formosissimo

por MARGARETTE MERCIER

Como eu conheço a situação horrivel e humilhante de possuir um peito secco e chato, de ter um rosto de mulher acompanhado de um corpo de homem! E não tenho palavras para expressar a alegria que eu experimentei e o grande alivio que o meu espirito sentiu quando vi que o meu busto aumentara de 15 centímetros. Senti-me outra: era outro o meu ser, porque sem peitos, sabia que nem era homem, nem era mulher; mas sim, uma especie de genero que participava dos dois sexos.

Com que desdem o homem não contempla a mulher cujo peito é chato como o seu. Uma mulher d'esse feitio poderá por ventura inspirar a perturbação e os sentimentos agitados que só pôde sugerir a verdadeira mulher, aquella mulher que possui um peito redondo? Decerto que não.

Esses mesmos homens que de mim se afastavam, essas mesmas mulheres que só por si tinham desprezo quando eu nem peitos nem busto possuia, tornaram-se os meus mais fervorosos admiradores apenas eu obtive o maravilhoso e surpreendente desenvolvimento do meu busto.

Foi então que, movida de compaixão pelas minhas companheiras, considerei que todas as mulheres destituídas de peito, poderiam aproveitar o meu descobrimento inesperado, usando dos mesmos meios para obter os mesmos resultados e conseguir um busto igual ao meu busto de hoje. Foi inumeras vezes enganada por charlatões e trapaceiros que me venderam toda a qualidade de drogas e aparelhos para desenvolver o busto; mas nem aparelhos nem drogas deram resultado algum. Foram tentativas absolutamente inuteis. Resolvi, pois, evitar que as minhas irmãs em desventura fossem enganadas e roubadas durante mais tempo por esses trapaceiros e charlatões. E por isso aviso hoje todas as mulheres que desconfiem de semelhantes velhacos.

O descobrimento do simples metodo, ao qual devo o aumento do meu busto, que, em consequencia d'esse tratamento, alargou de 15 centímetros em 30 dias, foi unicamente devido a uma feliz coincidência, sem duvida preparada pela Providencia Divina. Já que a Providencia dispoz a maneira pela qual eu poderia obter um busto maravilhoso, sinto que é para mim um dever divulgar esse segredo a todas as mulheres minhas companheiras que possam necessitar fazer d'elle o uso que eu fiz com tão grande acerto e felicidade. Enviae simplesmente um selo de 50 réis para a resposta e receberéis todas as mais completas informações pela volta do correio.

Certifico absolutamente e positivamente que toda a mulher conseguirá desenvolver maravilhosamente os peitos em 30 dias e que poderá pôr em pratica esse tratamento com a maior facilidade na sua propria casa e sem que as suas mais intimas amigas tenham d'isso conhecimento.

Dirigir toda e qualquer correspondencia ao INSTITUTO VENUS CARNIS, A. HOCQUETTE, Farmaceutico de 1.^a classe, Boulevard de la Madeleine, 17, Paris, Divisão 337.



Conserve-se esta gravura e observe-se o proprio busto, sobre a mesma maravilhosa transformação

P. S. Aconselha-se com insistencia as senhoras que desejem obter um peito formoso que queiram dar-se o trabalho de escrever hoje mesmo, porque a oferta que acima fazemos é uma oferta honrada e sincera, que tem por fim unico o desejo de comprazer as nossas leitoras e de proporcionar-lhes um beneficio. Madame Margarete Mercier, não tira proceito algum d'estas transações, mas terá a satisfação de fazer as nossas leitoras aprofitear gratuitamente da sua propria experiencia.

Toda a senhora que recear que o seu busto tome demasiado incremento, deverá suspender o tratamento apenas tenha alcançado o desenvolvimento desejado.

COUPON GRATUITO N.º 337

Para as leitoras do OCCIDENTE

dando direito á expedidora a obter as mais completas informações sobre um extraordinario e milagroso descobrimento para aformosar e augmentar o busto.

Cortar este coupon hoje mesmo, e enviar-o com o vosso nome e com a voassa direcção a A. Hocquette, Divisão, 337, Boulevard de la Madeleine, 17, Paris, ajuntando-lhe um selo de 50 réis, para a resposta.

(Carta franqueada com um selo de 50 réis)

Nome

Rua

Cidade

Provincia

N.º